

Síntese do II Seminário sobre Sustentabilidade da Agricultura na Grande Escala (SAGE II)

O II Seminário sobre Sustentabilidade da Agricultura na Grande Escala (SAGE II) ocorreu em 19 de novembro de 2015, no Windsor Plaza Hotel, em Brasília. O principal objetivo do seminário foi apresentar e discutir os recentes avanços na pesquisa sobre sustentabilidade da agricultura nacional para um público selecionado composto por especialistas da academia, governo, setor produtivo e organizações não governamentais.

Cerca de 60 participantes dos setores acima assistiram às oito palestras proferidas por especialistas da área. Duas sessões temáticas discutindo gado e soja no Brasil (uso do solo, diagnóstico de produtividade, intensificação e resposta às alterações climáticas), e as políticas públicas sobre a intensificação da agricultura, a redução das emissões, uso do solo e manejo da terra. Os resultados do projeto foram apresentados e os participantes discutiram as implicações desses resultados para a sustentabilidade da agricultura brasileira em larga escala.

Houve um intenso debate sobre a intensificação da pecuária nacional, a agricultura e a resposta do gado à mudança climática e a redução das emissões de gases de efeito estufa em resposta à intensificação da agricultura e gestão da terra.

As principais conclusões do seminário foram:

(1) Existem padrões históricos fortes e consistentes de mudança no uso da terra no Brasil, especialmente a conversão da vegetação natural para a agricultura. Extensificação das terras agrícolas brasileiros foi o mecanismo predominante até 1985. Embora extensificação ainda exista na Amazônia e Cerrado, as taxas são mais baixas, e uma mudança para a intensificação foi detectada desde então. O desmatamento extenso está tendo profundas conseqüências e permanentes para clima da região, o que pode intensificar no futuro, se as tendências de desmatamento continuarem.

(2) Assumindo cenários prováveis para o futuro do desmatamento na Amazônia e no Cerrado, haverá mudanças em grande escala no clima da Amazônia e influenciando negativamente a produtividade das culturas agrícolas importantes (por exemplo, soja) no sul da Amazônia e MATOPIBA incluindo um aumento no risco climático para sistemas de dupla safra;

(3) Os órgãos de conservação brasileira estão mal preparados para lidar com os efeitos em larga escala nas mudanças climáticas induzidas pela mudança no ecossistema amazônico.

(4) A política integrada mais eficaz para evitar alterações ao equilíbrio bioclimático da Amazonia é reduzir ou interromper o desmatamento e aumentar a produção agrícola.

(5) A produção agrícola poderia ser aumentada pela redução dos deficits de produtividade (intensificação). Isto é particularmente verdadeiro para o setor de pecuária, que em geral tem baixa produtividade e um elevado deficit de produtividade, e por esta razão, é um dos principais motores da conversão de habitats naturais.

(6) No que diz respeito à soja e cultivo de milho, as principais recomendações são para um maior enfoque na adaptação à mudança climática por: (1) o investimento tecnológico nas fases iniciais do ciclo da soja, especialmente em cultivares precoces quando o déficit de água será maior; (2) desenvolvimento de cultivares precoces de alta produtividade (com ciclos de 100-110 dias); (3) desenvolvimento e implementação de um novo sistema de zoneamento agro-ecológico para evitar grandes perdas de produtividade de soja.

(7) As recomendações específicas para fechar as lacunas do déficit de produtividade da pecuária incluem: (I) converter pastagens naturais para pastagens plantadas; (II) implementar mecanismos para recuperar a acidez da pastagem e fertilidade; (III) integrar colheita e pecuária; (IV) evitar o uso do fogo para manejo de pastagens; (V) foco em áreas de produtividade intermediária (35-90% da produtividade de pico); (VI) facilitar a nucleação das áreas mais produtivas, deixando a transferência de tecnologia ocorrer naturalmente.